

SE NÃO FOSSE ELA, EU TERIA DESISTIDO: CONTRIBUIÇÕES DA FAMÍLIA PARA PERMANÊNCIA DE JOVENS TRABALHADORES NO ENSINO MÉDIO NOTURNO AMAZONENSE EM CONTEXTO DE PANDEMIA

If it wasn't for her, i would've given up: family contributions to the retention of young workers in night-time high school in amazonas during the pandemic

Ellen Belmonte Barros

Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, AM,
Brasil.

Nádia Maciel

Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, AM,
Brasil.

Informações do artigo

Recebido em 05/05/2024

Aceito em 14/05/2024

doi: <https://doi.org/10.25247/2447-861X.2024.n263.p722-743>

Copyright (c) 2024 Ellen Belmonte Barros, Nádia Maciel.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](#).

Você é livre para:

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer meio ou formato.

Adaptar — remixar, transformar e construir sobre o material para qualquer finalidade, mesmo comercialmente.

Apoio

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM); Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Como ser citado (modelo ABNT)

BARROS, Ellen Belmonte; FALCÃO, Nádia Maciel. Se não fosse ela, eu teria desistido: contribuições da família para a permanência de jovens trabalhadores no ensino médio noturno amazonense em contexto de pandemia.

Cadernos do CEAS: Revista Crítica de Humanidades. Salvador/Recife, v. 49, n. 263, p. 722-743, set./dez. 2024.

DOI: <https://doi.org/10.25247/2447-861X.2024.n263.p722-743>

Resumo

O artigo, fundamentado nas contribuições de Martuccelli (2007) sobre as noções de prova social e suporte, discute as experiências de jovens estudantes-trabalhadores que frequentaram o ensino médio noturno de escolas estaduais do Amazonas durante a pandemia de covid-19, dando ênfase ao suporte familiar como facilitador da permanência escolar. De natureza qualitativa, o estudo contempla dados obtidos por meio de entrevistas aplicadas com 19 jovens que realizavam, predominantemente, serviços informais, nos setores terciário, exercendo atividades comerciais, e secundário, realizando atividades administrativas. Os resultados apontam que as provas sociais enfrentadas por estudantes-trabalhadores foram agravadas durante a pandemia pelo aumento da carga de trabalho, por dificuldades com o ensino remoto, por problemas emocionais, pela desigualdade no acesso à educação e pela prevalência do trabalho informal. Os suportes se materializaram tanto na forma de conselhos e orientações, quanto em ações concretas desempenhadas por familiares, especialmente do sexo feminino, para possibilitar que no horário destinado às aulas, os jovens pudessem dedicar-se apenas a esta atividade.

Palavras-chave: Estudante trabalhador. Ensino Médio noturno. Pandemia. Suportes.

Abstract

The article, based on the contributions of Martuccelli (2007) on the notions of social proof and support, presents the results of a doctoral research, and discusses the experiences of young student-workers who attended night high school in state schools in Amazonas during the covid-19 pandemic, emphasizing family support as a facilitator of these individuals' school permanence. This is a group of 19 young people who, at the time of the research, predominantly performed informal services, in the tertiary sector, carrying out commercial activities, and in the secondary sector, carrying out administrative activities. The results indicate that the social tests faced by young working students worsened during the pandemic due to the increase in workload, difficulties with remote teaching, emotional problems, inequality in access to education and the prevalence of informal work. Support can be understood both in terms of advice and guidance to complete secondary education, and in more concrete actions carried out by family members, especially females, to enable young people to dedicate themselves solely to this during class time activity.

Keywords: Youth. Work. Night-time high school. Pandemic. Support.

INTRODUÇÃO

No Amazonas, ao longo da pandemia de covid-19, em meio a um cenário de medo e incertezas diante de um contexto da crise sanitária, política, econômica e social, as aulas da rede estadual de educação tiveram seus formatos algumas vezes alternados entre híbrido, remoto e presencial. Apesar das estratégias adotadas pela rede, muitos estudantes não acompanharam essas aulas ou, mesmo tendo acompanhado, não retornaram à escola para o formato presencial.

No terceiro ano de pandemia, por exemplo, 8,4% dos estudantes do ensino médio da rede estadual abandonaram a escola (Brasil, 2022). Parte desse percentual é composto por estudantes do noturno, caracterizado pela presença marcante de jovens que combinam os estudos com o trabalho. Por outro lado, existem aqueles que, mesmo diante de uma situação tão adversa, encontraram suportes que contribuíram para permanecerem estudando até a conclusão da etapa de ensino. Os resultados da pesquisa indicam que um desses suportes diz respeito à relação familiar. É sobre as experiências de jovens trabalhadores-estudantes que este artigo se debruça.

Ancorando-se nas noções de prova social e suporte propostas por Danilo Martuccelli (2007), realizou-se uma pesquisa de doutoramento¹, com o objetivo de, a partir das narrativas de jovens sobre os desafios enfrentados para conciliar os estudos com a rotina de trabalho durante a pandemia de covid-19, discutir sobre os fatores que contribuíram para a permanência escolar.

Para Martuccelli (2007), a compreensão do processo de individuação necessita considerar as experiências individuais para, depois de decifrá-las, analisar as estruturas sociais que atravessam tais experiências, dando ênfase às relações entre os indivíduos e a sociedade historicamente estabelecida em que suas vidas ganham sentido.

¹ Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa de doutoramento vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas (PPGE/AM), a qual conta com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Dessa forma, para entender a existência de cada um, é necessário encontrar nos indivíduos aspectos que os atravessam, provenientes de diversas instituições, como a família, a escola, o trabalho, instituições políticas, religiosas etc. Ao descrever o método proposto por Martuccelli, Assis (2021, p.67) afirma que “ao perceber o que há de comum nos relatos individuais, indutivamente são reconstruídas as provas sociais a partir das quais as experiências particulares se convertem em chave de acesso às estruturas da sociedade”.

Com isso, realiza-se o exercício de identificar as aproximações e divergências entre as vivências narradas, para que seja possível avançar em direção ao que é coletivo. A coleta de dados correspondente a este estudo foi realizada durante o segundo semestre de 2022, e contou com a participação de 19 jovens que frequentavam a 3ª série do ensino médio noturno em duas escolas estaduais do Amazonas, localizadas em zonas periféricas da capital, e que apresentaram os maiores índices de abandono escolar no primeiro ano de pandemia de covid-19, em 2020.

Duas características consideradas por Batista, Souza e Oliveira (2009) como marcantes acerca do ensino médio noturno são abordadas por este estudo: a presença de estudantes-trabalhadores, ou seja, pessoas que conciliam as jornadas de estudos e trabalho, e altos índices de abandono/evasão escolar.

Para Souza (2016), no contexto das escolas públicas de ensino médio noturno do Amazonas, tais índices podem estar relacionados a diversos fatores como: problemas na gestão escolar; falta de compromisso de professores com a ministração das aulas e com os estudantes; falta de saberes essenciais para o prosseguimento dos estudos no ensino médio, mesmo após, no mínimo, nove anos de trajetória escolar; questões sociais dos estudantes e falta de políticas públicas formuladas levando em consideração a realidade do público atendido.

Aliada a estes fatores, a partir de 2020, a pandemia de covid-19 alterou a rotina de diversas pessoas pelo mundo, afetando, inclusive, os formatos de ensino, o que pode ter contribuído para o afastamento dos estudantes do processo de escolarização. As aulas presenciais, em poucos dias, deram lugar a aulas remotas, contando com o auxílio de tecnologias digitais, as quais nem todos puderam ter acesso.

Como alertado por Corrochano e Tarábola (2023, p.3), “[...] a experiência pandêmica não foi idêntica para todas as pessoas, nem para todas as pessoas jovens, dado ter sido atravessada pela intersecção de várias das desigualdades constitutivas da nossa sociedade”. Ao refletir sobre este evento grave, vivenciado de forma simultânea e coletiva, é importante não perder de vista que as experiências de cada indivíduo se deram de forma única, conforme o contexto no qual está inserido, e seu repertório de experiências anteriores.

É justamente a partir da análise das narrativas biográficas de jovens que acumulavam os estudos e o trabalho durante a pandemia que são apresentadas por meio deste artigo as contribuições das relações familiares para a permanência escolar no contexto do ensino médio noturno.

“ESSA PANDEMIA QUE VEIO PREJUDICOU MUITA GENTE”: A PANDEMIA, A ESCOLA E AS NOÇÕES DE PROVA SOCIAL E SUPORTE

Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o início da pandemia de covid-19, uma doença causada pelo coronavírus, que, segundo Pinelli (2023), infectou 760 milhões de pessoas ao redor do mundo, e pode ter levado a óbito cerca de 20 milhões de pessoas, entre março de 2020 e maio de 2023, quando foi declarado o fim da emergência sanitária.

Inicialmente, a principal medida de prevenção à doença era o distanciamento social, demandando a paralisação ou a redução de atividades não essenciais nos setores públicos e privados, tais como atividades escolares, comerciais, industriais, de turismo, eventos, entre outras (Barreto et.al., 2021, p.1127), gerando impactos políticos, sociais e econômicos de grandes magnitudes.

No contexto da Secretaria Estadual de Educação e Desporto do Amazonas (SEDUC/AM), com a necessidade de isolamento social, ainda em março de 2020, as aulas presenciais foram interrompidas, sendo substituídas por aulas remotas, por meio do Programa Aula em Casa, mediante a reorganização curricular, a fim de atender as necessidades dos estudantes de cada nível, etapa e modalidade da Educação Básica (Amazonas, 2020).

As aulas destinadas ao ensino médio foram as primeiras a serem disponibilizadas em canal aberto de televisão, em horários distribuídos nos turnos matutino, vespertino e noturno. Conforme a Secretaria, as aulas também puderam ser acessadas por meio de plataformas digitais, onde era possível, ainda, acessar outros recursos pedagógicos para a complementação do aprendizado (Amazonas, 2020).

Como parte do processo de transição para o formato remoto, a Secretaria publicou a Portaria GS nº311/2020, contendo orientações aos profissionais da educação (Amazonas, 2020), que incluíam: a manutenção do contato com as turmas e pais através de aplicativos de mensagens; a indicação de conteúdo complementar como filmes, vídeos, leituras e pesquisas, de acordo com a programação do Aula em Casa; organizar atividades com base nos conteúdos ministrados, reforçando a aprendizagem e permitindo revisões; e a indicação de orientações que contribuíssem para o enfrentamento do estresse causado pelo isolamento social.

Poucos meses após o início da pandemia, o Amazonas já começava a se preparar para o retorno ao formato presencial, mesmo em meio a diversos casos e óbitos por covid-19, em um momento em que o Brasil era considerado o epicentro da pandemia na América Latina e no mundo (Brandão; Mendonça; Sousa, 2023). Neste contexto, a SEDUC/AM divulgou um Plano de Retorno às Aulas Presenciais, no qual o início das aulas estava previsto para o mês de agosto de 2020 (Amazonas, 2020). Dessa forma, inaugurou-se o período de formato híbrido de ensino, alternando dias com aulas remotas e presenciais.

Segundo Silva et.al. (2023), por medo e por descrença quanto à segurança física, muitos estudantes não retornaram às salas de aula neste primeiro momento. Com isso, foi necessário intensificar as ações correspondentes ao Programa Busca Ativa do Escolar (PBAE), por meio do qual as escolas eram orientadas a realizarem contato telefônico ou via redes sociais ou, ainda, visitas domiciliares a estudantes que não registraram acesso às atividades do Aula em Casa ou não mantiveram contato com a escola durante o período de distanciamento social.

Mesmo diante da ausência de parte do público nas aulas presenciais, com base na Resolução nº 285 do Conselho Estadual de Educação do Amazonas, a qual regulamentou a progressão estudantil, foram considerados aprovados todos os estudantes matriculados em

escolas da SEDUC/AM que tivessem qualquer registro de frequências e avaliações durante o ano letivo de 2020 (Amazonas, 2020).

Com o afrouxamento do isolamento social durante as festas de fim de ano de 2020, o grande número de pessoas necessitando de cuidados médicos por estarem infectadas pelo coronavírus levou ao colapso generalizado do sistema de saúde do Amazonas, o qual resultou na morte de diversas pessoas, em uma mesma noite, por falta de abastecimento de oxigênio.

Por isso, a Secretaria optou em reorganizar o formato do ensino para o início de 2021, voltando a ser utilizado o formato exclusivamente remoto. Com o avanço da vacinação e a consequente redução no número de casos e óbitos por covid-19, as aulas híbridas retornaram em maio, e foram substituídas por aulas 100% presenciais em agosto do mesmo ano, permanecendo assim até o final da pandemia (Amazonas, 2022).

No final do ano letivo de 2021, a exemplo do que ocorreu em 2020, os estudantes que tinham qualquer registro de frequência ou avaliações durante o ano (independente do formato de ensino), foram considerados aprovados (Amazonas, 2021), o que pode ter contribuído para um mascaramento dos índices de abandono escolar nas escolas estaduais durante a pandemia.

Ao final do ano letivo seguinte, realizou-se a coleta de dados correspondente aos resultados que são apresentados por meio deste artigo. Para obtenção de dados qualitativos, optou-se por utilizar a entrevista narrativa, um método de pesquisa social interpretativa que, segundo Sangalli e Rinaldi (2018), tem como uma das possibilidades de aplicação o objetivo de identificar as motivações dos indivíduos na sua tomada de decisão, relacionando-o ao estoque de conhecimento socialmente compartilhado. No contexto deste estudo, relacionou-se a decisão dos jovens estudantes-trabalhadores de continuarem estudando ao que se sabe sobre os desafios impostos e/ou intensificados pela covid-19.

A escolha do lócus de pesquisa se deu a partir do levantamento dos índices de abandono escolar no primeiro ano de pandemia nas escolas de ensino médio noturno. Mesmo tendo sido um ano marcado pela progressão estudantil, duas escolas se destacaram com os maiores índices, uma na zona Leste, e outra, na zona Sul.

Dentre os 249 estudantes matriculados na terceira série do ensino médio noturno das duas escolas, quase metade não estava frequentando as salas de aula quando a coleta de dados começou a ser realizada, o que indica um alto índice de abandono escolar também em 2022. Ainda assim, a amostra não foi prejudicada, porque o intuito era conhecer a vivência de jovens que permaneceram estudando, enquanto outros, por diversos motivos, desistiram.

Após a explanação dos objetivos da pesquisa, e a assinatura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, realizou-se a aplicação coletiva de um questionário relacionado ao perfil socioeconômico e acadêmico dos jovens, a partir do qual, foi possível selecionar e convidar para a entrevista 60 estudantes que atendiam aos seguintes critérios: ter entre 16 e 29 anos, estar trabalhando ou em busca de um emprego e não ter sido reprovado nos dois anos anteriores, 2020 e 2021.

Como se sabe, 2022 foi ano de Copa do Mundo de Futebol e de eleições estaduais e nacionais, por isso, durante os últimos meses daquele ano, houve a necessidade de liberação dos estudantes e profissionais para assistirem aos jogos, e para a disponibilização da escola para fins eleitorais. Neste mesmo período, já no final do ano letivo, no contexto da pesquisa, os estudantes selecionados foram convidados para participarem das entrevistas, e a adesão não foi como esperada. Mesmo agendando previamente e retornando às escolas por diversas vezes, as entrevistas foram realizadas com apenas 19 jovens, sendo 11 do sexo masculino, e 8 do sexo feminino.

No momento da coleta de dados, 5 destes jovens estavam desempregados, porém procurando emprego. Apesar de não estarem trabalhando, todos eles já haviam trabalhado por algum período durante a pandemia, exercendo atividades como vendedor, atendente e/ou operador de caixa, sem vínculo empregatício. Apenas 1 deles, por meio do Programa Jovem Aprendiz, havia exercido uma atividade com os direitos trabalhistas devidamente protegidos.

A aproximação com a realidade de serviços informais não era diferente entre os 14 jovens que estavam trabalhando no período em que as entrevistas foram realizadas. Dentre eles, apenas 3 haviam tido suas carteiras de trabalho assinadas para a realização de atividades como vendedor, frentista e Jovem Aprendiz, enquanto 11, mesmo sem carteira

assinada, exerciam atividades como vendedor, atendente, pedreiro, soldador, barbeiro e babá.

Tal relação de informalidade, predominante entre os participantes da pesquisa, destoa do que a Organização Internacional do Trabalho (OIT) cunhou de trabalho decente, ou seja, um “trabalho produtivo e adequadamente remunerado, exercido em condições de liberdade, equidade, segurança, capaz de garantir uma vida digna” (Brasil, 2011, p.10).

Ao evidenciar estes casos, longe de responsabilizar os jovens pela privação de direitos trabalhistas a qual estão submetidos - resultantes de diversos fatores políticos, econômicos e sociais -, propõe-se uma reflexão sobre os desafios que se apresentam a jovens estudantes-trabalhadores durante a pandemia de covid-19, apontando as redes e referentes sociais que os amparam no processo de superação. Para isso, encontra-se apoio nas noções de prova social e suportes apresentadas por Danilo Martuccelli (2007), como operadores analíticos para a compreensão das formas pelas quais os indivíduos se produzem socialmente.

Tais noções são fundamentais para a compreensão do processo de individuação, na medida em que representam a forma como os indivíduos enfrentam desafios impostos por forças sociais e respondem a eles de maneira que reflete suas identidades e contextos, promovendo uma maior diferenciação pessoal.

A noção de prova social proposta por Martuccelli remete aos desafios que os indivíduos enfrentam em seu cotidiano, influenciados por contextos sociais e históricos, tendo quatro características principais: são inseparáveis de narrativas sociais; referem-se às capacidades dos indivíduos para lidar com prescrições difíceis; funcionam como mecanismos de seleção e estão ligados a grandes desafios estruturais que variam entre sociedades e períodos históricos (Pinheiro, 2018).

Ao discorrer sobre singularidade compartilhada em narrativas biográficas, Reis e Dayrell (2018, p.88) enfatizam que não é qualquer problema vivencial que corresponde à prova social, mas “um conjunto de desafios estruturais e por isso comuns a todos os indivíduos de um coletivo, que por sua vez percebem e respondem aos desafios de maneiras diversas”.

Com base na definição de Martuccelli e nas contribuições de autores como Ferreira (2015), Reis e Dayrell (2018) e Pereira (2022), pode-se dizer que, mesmo antes da pandemia, as provas sociais enfrentadas por jovens que estudam e trabalham já incluíam, por exemplo: a) desigualdade de oportunidades - desfavorecendo jovens que vivem em contextos de periferia, que acabam por acessar alternativas laborais precárias; b) expectativas sociais - pela pressão, em alguns contextos familiares, para contribuir financeiramente com o sustento do lar; c) estigmas sociais - como o enfrentamento de preconceitos relacionados à origem socioeconômica, impactando suas interações sociais e oportunidades no mercado de trabalho; d) condições de trabalho - com jornadas longas e baixos salários, demandando mais esforços para manter a dupla jornada entre estudos e trabalho.

Já a noção de suporte proposta por Martuccelli está relacionada ao conjunto de recursos que sustentam as experiências dos indivíduos em seus processos de individuação, influenciando as trajetórias pessoais e sociais (Martuccelli, 2007). Nas palavras de Reis e Dayrell (2018, p.88), “em torno de cada um de nós há um tecido elástico composto de relações familiares, profissionais, afetivas [...]. Há necessidade de apreender as diversas geometrias pelas quais se desenham nossa relação com o mundo e com os outros que nos sustentam.”

Em estudo realizado por Pinheiro (2018) a partir da narrativa das experiências sobre a inserção de 10 jovens no mercado de trabalho, destacaram-se 4 suportes diferenciadores: a) laços familiares, proporcionando segurança e oportunidades de trabalho; b) redes de amizade e sociabilidade; c) aparatos institucionais, por meio da participação em programas sociais; d) capital cultural, entendido como conhecimentos e habilidades adquiridos que facilitam a inserção no mercado de trabalho.

Os resultados da pesquisa de campo realizada com os 19 jovens estudantes das escolas estaduais de ensino médio noturno em Manaus no contexto da dupla jornada entre trabalho e estudos durante a pandemia não estão distantes dos encontrados por Pinheiro (2018). Neste artigo, o suporte proveniente das relações familiares estará em destaque.

"POR QUE VOU DESISTIR AGORA? JÁ CAMINHEI TANTO!": TRAJETÓRIAS E A IMINÊNCIA DE ABANDONO ESCOLAR

Ao narrarem sobre sua história de vida, segundo Muylaert et.al. (2014), os sujeitos repensam os acontecimentos que estão sendo anunciados, podendo reconstruir significações acerca de si. Assim, no decorrer das entrevistas, os jovens eram convidados a contarem sobre sua trajetória acadêmica e profissional até aquele momento, incluindo seus planos para o futuro.

Diante das trajetórias acadêmicas narradas, foi possível realizar aproximações e diferenciações entre os jovens, dividindo-os em três grupos, conforme suas vivências na educação infantil e no ensino fundamental. O primeiro grupo é composto por 8 jovens, entre 18 e 19 anos, que nunca reprovaram, nem abandonaram a escola. O segundo é composto por 4 jovens, entre 19 e 20 anos, que têm em seu histórico escolar reprovações por baixo desempenho. Já o terceiro é composto por 7 jovens, entre 19 e 28 anos, com histórico de abandono escolar. Sendo que a maioria deles ficou mais do que um ano letivo afastado da escola.

Segundo Silva Filho e Araújo (2017) e Simões e Andreis (2019), existem diversos fatores que contribuem para os altos índices de reprovação e evasão/abandono escolar, alguns deles estão diretamente ligados ao cotidiano escolar, como a ocorrência de reprovações e abandono anteriores, o longo tempo de duração da educação básica e o excesso de conteúdo escolar, enquanto outros se relacionam com vivências externas à escola, como a falta de incentivo da família, a necessidade de trabalhar, o alcoolismo, o uso de drogas, entre outros.

Nas falas dos participantes da pesquisa sobre os motivos que os levaram a deixarem de frequentar a escola durante o ensino fundamental, dois se destacam como sendo os mais recorrentes: a distância entre a casa e a escola - resultante da necessidade de reorganização na dinâmica familiar -, e a influência dos amigos.

Os jovens que relataram ter abandonado a escola durante a infância ou adolescência devido à distância entre a casa e a escola relacionam este fato a eventos que Miguel, Rijo e Lima (2012) chamam de adversidade estrutural da família, tais como:

pobreza, monoparentalidade, divórcio, famílias numerosas, práticas educativas muito rígidas ou permissivas, fraco envolvimento parental na vida escolar dos filhos e diversas características do meio em que vivem.

Pode-se dizer que este último aspecto está relacionado à influência dos amigos, apontada pelos jovens como um dos motivos para abandonar os estudos, visto que, de acordo com eles, esses amigos eram também seus vizinhos e compartilhavam com eles diversas atividades do cotidiano. Vale ressaltar que, apesar de contribuir de alguma forma, nenhum desses fatores, isoladamente, é capaz de ser um preditor para o abandono escolar.

As falas dos participantes fazem também referência a fatores internos à escola, ainda que, em uma primeira análise, não pareça evidente, como o desinteresse pelos estudos. Apesar de remeter a uma motivação interna do sujeito, de acordo com Batista, Souza e Oliveira (2009) o desinteresse pode estar relacionado com o fato de haver pouco diálogo entre o que é aprendido na escola, a realidade e os desejos para o futuro, isto é, falta sentido.

Para Souza (2016), isso acontece porque no modelo de ensino tradicional, os jovens ainda são considerados meros espectadores passivos, incapazes de se expressar de forma crítica, sendo fadados a apenas absorver o que é ensinado. Assim, compreende-se que ao retornar às salas de aula após um período de abandono escolar, nem sempre o jovem o faz apenas por reconhecer a importância do aprendizado.

Dentre os participantes da pesquisa, não foram raras as falas dos estudantes que atribuíram ao desejo de melhor colocação no mercado de trabalho, por meio da conclusão do ensino médio, o principal motivo do retorno às salas de aula e que, para isso, encontraram no ensino noturno uma oportunidade de recuperar o tempo perdido, sem deixar de garantir seu sustento ou colaborar com o sustento da família.

Porém, objetivamente, apenas o desejo pode não ser suficiente para que este retorno se transforme em permanência escolar. Assim como diversos fatores podem contribuir concomitantemente para o abandono, diferentes aspectos, juntos, podem levar à permanência. Dentre eles, destaca-se a relação com os pares.

É neste contexto que outras falas dos jovens fornecem pistas sobre como a escola noturna, contraditoriamente, ao mesmo tempo em que parece pouco atraente pelos

motivos já explanados por Sousa (2016), revela-se como um espaço importante de socialização, na medida em que encontram-se com outros jovens, que estão vivenciando situações parecidas, como a dupla jornada de trabalho e estudos, fomentando trocas de informações, identificações e ressignificações e, também, tornando-se em suporte (Falcão, 2014).

A participação no mercado de trabalho, para a maioria dos participantes das entrevistas, não é algo recente. Nas falas dos jovens, são muito presentes as referências à inserção no mercado de trabalho por volta dos 14 anos, para o desempenho de atividades junto com familiares, sem qualquer vínculo formal. De acordo com Abramo, Venturini e Corrochano (2020), a necessidade de iniciar a jornada profissional mesmo antes da finalização dos estudos pode estar relacionada a diversos fatores, como: a ideia da aquisição de experiência, como uma possibilidade de vantagem competitiva diante dos demais, e outras alterações na dinâmica familiar, como casamento/divórcio, desemprego ou incapacidade de trabalhar dos progenitores, ou paternidade/maternidade.

Independente dos motivos que levam à dupla jornada, é importante ter em mente que a trajetória de pessoas que estudam e trabalham pode não ser linear, ou seja, podem ocorrer alternâncias entre períodos com maior ênfase para os estudos, em detrimento do trabalho, ou ao contrário (Sposito, 2005). Além disso, não se pode perder de vista outros aspectos da individualização que correspondem aos outros papéis também desempenhados diariamente, como ser pai/mãe, filho(a), irmão(ã), amigo(a) etc., e que tornam particularmente desafiador o dia a dia de quem estuda e trabalha.

Quanto a isso, pode-se dizer que os desafios mais recorrentes nas falas dos jovens entrevistados correspondem: a) à jornada de trabalho extensiva - quando, devido à natureza informal do trabalho, não há garantias de que no horário destinado à aula, o jovem já terá encerrado suas atividades laborais; b) ao cansaço - relacionado ao desempenho de atividades que demandam grande esforço físico, como ficar muito tempo de pé ou carregar muito peso; e c) à falta de tempo para se dedicar aos estudos fora da escola - porque, enquanto parte do tempo é destinado às atividades relacionadas ao trabalho, a outra parte, quando não estão no ambiente escolar, é destinada ao desempenho de atividades relacionadas aos outros papéis que desempenham em seus cotidianos.

Nas palavras de Assis (2021, p.67), “as provas a que os indivíduos estão obrigados a

enfrentar em uma dada sociedade são sintomas da estrutura social e demarcam traços da configuração histórica que possibilita essa sociedade ser o que ela é". Nas narrativas dos participantes, as características que atribuem às relações com o trabalho e com a escola são similares, e marcadas por ausências.

No âmbito do trabalho, a ausência da proteção de direitos contribui para a intensificação da necessidade de submeter-se a condições, por vezes, precárias tanto para a execução do trabalho, quanto ao que diz respeito à remuneração. E, no âmbito da escola, na fala de muitos jovens, nota-se a ausência de sentido, que resultou em um histórico de reprovações e/ou abandono escolar.

"SE FOSSE POR MIM MESMO, EU JÁ TINHA DESISTIDO DOS ESTUDOS": AS RELAÇÕES FAMILIARES E A PERMANÊNCIA ESCOLAR

As falas que iniciam as sessões e o título deste artigo são de Gabriel², que tinha 19 anos e trabalhava de forma autônoma como barbeiro no período da entrevista. A inserção do jovem ao mundo do trabalho se deu de forma precoce, aos 11 anos, quando aprendeu com o pai o ofício que hoje desempenha com muito orgulho. Ainda na infância, conciliava esta atividade com os estudos que, por sua vez, não iam muito bem, resultando em reprovações. Mesmo assim, nunca abandonou a escola.

Ao narrar sua trajetória acadêmica e profissional, Gabriel, com a voz embargada em alguns momentos, enfatizou que percebe dois fortes motivos para continuar estudando: o incentivo da esposa e o desejo de dar orgulho aos pais. Segundo ele, embora estes motivos estivessem constantemente presentes em seu pensamento, durante a pandemia, a necessidade de trabalhar se sobrepunha ao desejo de estudar e, por isso, ele não acompanhou as aulas remotas ofertadas pela SEDUC/AM, e não retornou de imediato às aulas presenciais durante o ensino híbrido.

Somente no início de 2022, quando as aulas já estavam 100% presenciais, Gabriel retornou às salas de aula, enfrentando dois desafios que eram seus conhecidos de longa

² Para preservar a identidade dos participantes da pesquisa, optou-se por utilizar um nome fictício.

data: a dificuldade de estabelecer limites entre as jornadas de trabalho e estudos, já que o horário de maior movimento na barbearia, segundo ele, é o fim da tarde, início da noite; e a dificuldade de aprendizagem, decorrente do não acompanhamento dos conteúdos ministrados nas aulas não assistidas por ele.

Segundo o jovem, durante a pandemia, enquanto as aulas eram remotas ou híbridas, mesmo não acompanhando as aulas, em nenhum momento foi contactado pela escola, para ser estimulado a retornar. No entanto, desde o início das aulas presenciais, ele contou com a compreensão e a ajuda de professores, outros membros da equipe gestora e colegas que, em um esforço conjunto, compartilhavam materiais de apoio para aqueles que tinham maior dificuldade em acompanhar os conteúdos ministrados.

Na perspectiva dele, o apoio da família para a continuidade dos estudos também foi mais bem percebido durante o retorno às aulas presenciais, já que, ao longo do período de maior necessidade de isolamento social, as atenções dele e da família estavam mais voltadas aos cuidados com a saúde e com as condições financeiras, para a garantia da sobrevivência.

Esta é uma realidade também apontada pelos demais participantes da pesquisa: a necessidade de trabalhar, na maior parte do tempo, sobrepôs os momentos de estudos durante a pandemia. Mesmo que as aulas remotas tenham sido oferecidas pela Secretaria em horários e plataformas diversas, outros fatores contribuíram para que a assistência dos participantes às aulas fosse baixíssima, já que, dos 19 jovens, apenas 7 assistiram a pelo menos 1 aula do Aula em Casa em 2020 e 2021.

A realidade de Gabriel e dos demais jovens entrevistados, no que concerne ao acompanhamento das aulas remotas, não está distante daquela que foi observada na primeira fase da pesquisa com os 128 estudantes que preencheram os questionários, dos quais apenas 9 declararam ter acompanhado todas as aulas remotas ofertadas pela Secretaria, o que indica que os demais podem ter tido a mesma dificuldade de Gabriel, quanto ao trabalho, ou outras, como falta de acesso a recursos tecnológicos ou, ainda, falta de identificação com o formato de ensino.

Assim como Gabriel, muitos outros jovens, além dos que participaram deste estudo, perceberam durante a pandemia o surgimento de novos desafios, e a intensificação

de desafios já existentes. Ao recorrer a notícias veiculadas à época, é possível identificar, por exemplo, relatos que corroboram com provas sociais identificadas nas narrativas dos participantes, como: a) o aumento da carga de trabalho - devido à queda na renda familiar e a necessidade de contribuir de forma mais substancial com o pagamento das despesas; b) dificuldades com o ensino remoto - embora alguns jovens já tivessem acesso a tecnologias digitais antes desse momento, a transição para as aulas online demandava uma maior habilidade de concentração, diante de outros estímulos presentes no ambiente domiciliar, por exemplo; c) problemas emocionais - frente a números crescentes de casos e mortes por covid-19, impactando a vida familiar e social dos jovens, questões como estresse, ansiedade e depressão não eram incomuns; d) desigualdade no acesso à educação - a falta de equipamentos adequados para acompanhar as aulas online era uma barreira adicional, principalmente, aos jovens de classes mais baixas (Porvir.org, 2020; BBC News, 2021; Data Senado, 2022).

No esforço para a superação de tais desafios, 17 dos 19 dos jovens que contribuíram com este estudo destacaram a relação com familiares, especialmente do sexo feminino, como mãe, filha, irmã e esposa, como fundamental. Na trajetória de muitos dos jovens, enquanto, durante a infância, a dinâmica familiar pode ter representado um obstáculo para a continuação dos estudos, na juventude, a relação familiar, materializada em orientações e conselhos, ajudas para a administração da rotina, apoio emocional ou financeiro³, representa um dos fatores que contribuiu para a permanência escolar.

Para outros, durante a infância, a família atuou como principal suporte para a continuidade dos estudos, e depois, deixou de sê-lo, dando lugar a outras relações. Outros, ainda, contavam com a família durante a infância, e continuam a fazê-lo na juventude. Na análise dos percursos dos jovens participantes da pesquisa, nota-se que, os sujeitos que contaram com o suporte familiar desde a infância tiveram menor incidência de reprovações e menos tempo fora da escola.

³ No decorrer da análise dos dados, foram criadas 4 categorias de tipos de suporte familiar: Apoio Emocional, Orientação Acadêmica e Profissional, Organização da Rotina e d) Apoio Financeiro. No geral, o Apoio Emocional e a Orientação Acadêmica e Profissional foram os tipos de suporte familiar citados com maior frequência pelos 17 participantes.

Tal suporte, experimentado na juventude, no contexto da conciliação entre o trabalho e os estudos, para muitos dos participantes da pesquisa, materializou-se em ações como a liberação mais cedo do trabalho, para aqueles que trabalham com familiares, ou a preparação de refeições, para que não chegassem com fome à escola, ou o fato de cuidarem dos filhos pequenos, para que os jovens pudessem ir tranquilamente para a escola, sem se preocupar com quem deixá-los. Ao falar sobre suas vivências durante o ensino remoto, há ainda, aqueles jovens que perceberam que o suporte de suas famílias se deu no fato de emprestar celulares ou computadores para a realização de pesquisas e assistir aulas, por exemplo.

Tal constatação indica como as relações familiares podem ser diferentes e o quanto elas podem se modificar em contextos distintos. No caso dos participantes da pesquisa, apesar de haver similaridades entre os perfis socioeconômicos, há outras variáveis que produzem diferenças. Por isso, para melhor compreensão das experiências diversas, realizou-se clivagem, considerando os comparativos entre os tipos de suporte familiar citados pelos participantes e os seguintes aspectos: gênero, idade, renda, número de pessoas que moram juntas e existência de filhos.

Os resultados indicam que, enquanto as mulheres receberam como principal tipo de suporte familiar o Apoio Emocional, os homens receberam majoritariamente Orientação Acadêmica e Profissional, o que sugere uma maior preocupação com aspectos subjetivos da trajetória feminina, em contraste com aspectos objetivos da trajetória masculina, ao serem orientados quanto a responsabilidades no presente e no futuro.

Esses dois tipos de suporte também figuram entre os mais frequentemente citados nas demais análises realizadas, sendo possível perceber que entre os jovens com 18 e 19 anos e/ou com maior renda familiar, o suporte mais mencionado foi a Orientação Acadêmica e Profissional. Por outro lado, o Apoio Emocional esteve mais presente nas trajetórias de pessoas acima de 20 anos e/ou com renda familiar de até 1 salário-mínimo.

Já a Organização da Rotina, ou seja, auxílio para o cumprimento de tarefas domésticas, e o Apoio Financeiro para arcar com despesas relacionadas aos estudos, como materiais escolares e transporte, foram mais citados por estudantes que têm filhos e/ou coabitam com até 2 pessoas.

Na concepção de Pratta e Santos (2007), embora as configurações familiares tenham se transformado significativamente nos séculos XX e XXI, elas ainda representam uma instituição que atua como base de segurança e bem-estar para muitos sujeitos, dependendo de como se dão as relações familiares.

Para Góes (2000, p.119), “as relações sociais, que fundam os processos individuais, são caracterizadas por tensões e equilíbrios”, ou seja, tais relações não se pressupõem uniformes ou constantes e, embora muitas vezes contraditórias, são fundamentais para a individuação.

Assis (2021, p.69) corrobora com este pensamento ao afirmar que:

Em suma, se o mundo social é hoje constatado como complexo e contraditório, suas estruturas são, elas mesmas, também, plurais e dissonantes, mas seu depósito nos indivíduos não deixa de ser relativamente organizado segundo as competências de os agentes lidarem com a realidade que os rodeia.

Com isso em mente, e considerando as vivências de jovens trabalhadores que estudam o ensino médio noturno, acredita-se que assim como no contexto da educação infantil e do ensino fundamental diurnos, a escola pode beneficiar-se da parceria com a família no cotidiano, promovendo oportunidades de aproximação da família com a escola, visando fortalecer a atuação daquela enquanto suporte aos jovens, para que continuem estudando.

Para isso, a exemplo do que já ocorre em outros turnos, é possível promover atividades que estimulem a participação e a apropriação dos familiares ao ambiente escolar, facilitando a compreensão acerca da importância da educação formal e do funcionamento da instituição. De acordo com os participantes deste estudo, as escolas que eles frequentavam não costumavam promover atividades no noturno que visassem a aproximação da comunidade ao espaço escolar.

Ainda assim, nas narrativas dos jovens, há registros de que o suporte familiar está muito relacionado à crença de que a finalização do ensino médio é o melhor caminho para a “mudança de vida”, no sentido da superação de dificuldades econômicas e sociais, por meio de melhores oportunidades de trabalho, representando uma conquista que não é apenas para o estudante que permanece, mas coletiva, de toda a família.

CONCLUSÃO

Entre 2020 e 2023, a pandemia de covid-19 afetou o cotidiano de inúmeras pessoas, impactando, inclusive, os formatos de ensino das redes de educação. Nesse momento, enquanto eram feitos ajustes entre as aulas remotas, híbridas e presenciais, os estudantes, juntamente com suas famílias, esforçaram-se para adaptar-se às regras de isolamento social ao mesmo tempo em que procuravam garantir seu sustento.

A coleta de dados realizada em 2022, com a participação de 19 jovens que cursavam o ensino médio noturno em duas escolas estaduais de Manaus e que trabalhavam ou buscavam um emprego durante o período pandêmico, indica que, no período em que as aulas ocorreram de forma remota ou híbrida, diversos fatores contribuíram para que a maioria deles não acompanhasse a programação ofertada por meio do Aula em Casa.

Considerando as noções de prova social e de suporte propostas por Martuccelli, pode-se dizer que os desafios enfrentados por jovens estudantes-trabalhadores foram agravados durante a pandemia pelo aumento da carga de trabalho, por dificuldades com o ensino remoto, por problemas emocionais e pela desigualdade no acesso à educação.

No mesmo sentido, outro fator que merece destaque é a prevalência do trabalho informal entre os jovens participantes da pesquisa, os quais, muitas vezes, devido à falta de proteção aos direitos trabalhistas, exerceram atividades remuneradas em horários estendidos, ou seja, ultrapassando oito horas diárias, e em condições precárias, a fim de garantir seu sustento e de sua família.

Com isso, devido à falta de vínculo empregatício, diante de um cenário de instabilidade sanitária, econômica e social, que apontava para a possibilidade de não ter trabalho e, conseqüentemente, não ter recursos financeiros em um futuro próximo, a opção que se apresentava como mais viável era a de exercer a atividade que fosse proposta, pelo período que fosse possível e necessário, mesmo que isso significasse ter menos tempo para se dedicar a outros papéis também exercidos por eles, como o de estudante, pai/mãe, filho(a) etc.

Para muitos jovens, o trabalho se tornou prioridade durante o período de maior necessidade de isolamento social, e voltou a dar espaço aos estudos apenas quando as aulas

retornaram ao formato presencial. Nesse momento, tanto os jovens que tiveram em sua trajetória o histórico de reprovações e abandono escolar quanto aqueles que até então, obtinham bons rendimentos, contaram com o suporte familiar para a continuidade dos estudos.

No caso dos participantes da pesquisa, tal suporte pode ser entendido tanto em termos de conselhos e orientações para concluir o ensino médio, como forma de buscar um futuro profissional melhor, quanto em ações mais concretas desempenhadas por familiares, especialmente do sexo feminino, para possibilitar que no horário destinado às aulas, os jovens pudessem dedicar-se apenas a esta atividade, como tomar conta de filhos menores, preparar refeições e apoio emocional e financeiro.

Nas trajetórias dos jovens que, em algum momento, abandonaram a escola durante a infância, as relações familiares podem ter sido facilitadoras para o afastamento dos estudantes da rotina escolar, por diversos motivos como reconfiguração da dinâmica familiar, doenças de familiares ou mudança de endereço. Porém, já na juventude, o suporte familiar se tornou fundamental para a continuidade dos estudos. Diante disso, reforça-se a importância da promoção de ações que possibilitem a parceria entre a escola e a família, mesmo no contexto do ensino médio noturno, a fim de fortalecer a atuação dos familiares para a permanência escolar.

Apesar de este artigo destinar-se à discussão acerca das relações familiares como suporte para a permanência escolar, faz-se necessário destacar que os resultados da pesquisa também indicam que outras relações sociais contribuíram para este fim, como as relações com outros membros da comunidade escolar e a participação em programas sociais, os quais poderão ser explorados em publicações futuras.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H.W.; VENTURI, G.; CORROCHANO, M.C. Estudar e trabalhar: um olhar qualitativo sobre uma complexa combinação nas trajetórias juvenis. **Novos Estudos**. CEBRAP. São Paulo, v.39, n.3, p.523-542, set./dez. 2020.

AMAZONAS, Secretaria de Estado de Educação e Desporto. **Aula em Casa**. 2020. Disponível em: <http://www.educacao.am.gov.br/wp-content/uploads/2020/03/AULA-EM-CASA.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2024.

AMAZONAS, Secretaria de Estado de Educação e Desporto. **Plano de Retorno às Aulas Presenciais**: ações pedagógicas, de gestão e de saúde para as unidades de ensino pós-pandemia da Covid-19. Manaus: [S.n.], 2020.

AMAZONAS. **Decreto nº44.331, de 09 de agosto de 2021**. Autoriza as aulas na modalidade presencial, na rede estadual pública e privada de ensino, na capital e no interior do estado do Amazonas, na forma que especifica. Poder Executivo. Seção I, p.19. Manaus, 09 de agosto de 2021.

AMAZONAS. **Decreto nº45.112, de janeiro de 2022**. Dispõe sobre o retorno às aulas, na modalidade presencial, em todo território do Estado do Amazonas, no âmbito da rede pública estadual de ensino, e dá providências. Poder Executivo. Seção I. p.4. Manaus, 17 de janeiro de 2022.

ASSIS, R.V. Disposições, hábitos e provas. **Civitas**, v. 21. nº 1, p.59-70. jan.-abr. 2021.

BARRETO, I.C.H.; COSTA FILHO, R.V.; RAMOS, R.F.; OLIVEIRA, L.G.; MARTINS, N.R.A.V.; CAVALCANTE, F.V.; ANDRADE, L.O.M.; SANTOS, L.M.P. Colapso na saúde em Manaus: o fardo de não aderir às medidas não farmacológicas de redução da transmissão da Covid-19. **Saúde Debate**. Rio de Janeiro, v.44, n. 131, p.1126-1139, out-dez. 2021.

BATISTA, S.D.; SOUZA, A.M.; OLIVEIRA, J.M.S. A evasão escolar no ensino médio: um estudo de caso. **Revista Profissão Docente**, Uberaba, v.9, n.19, 2009.

BBC NEWS. Crise e pandemia forçam jovens a buscar trabalho e prejudicam estudos. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/08/17/crise-e-pandemia-forcam-jovens-a-buscar-trabalho-e-prejudicam-estudos.ghtml>. Acesso em: 01 out. 2024

BRANDÃO, C.C.; MENDONÇA, A.V.M.; SOUSA, M.F. O Ministério da Saúde e a gestão do enfrentamento à pandemia de Covid-19 no Brasil. **Saúde Debate**. Rio de Janeiro, v.47, p.58-75, abr-jun. 2023.

BRASIL. **Agenda Nacional de Trabalho Decente para a Juventude** – Brasília : Ministério do Trabalho e Emprego, 2011.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Indicadores Educacionais**. Taxas de Rendimento. 2022.

CORROCHANO, M.C.; TARÁBOLA, F.S. Neoliberalismo, trabalho e pandemia: experiências e enfrentamentos de jovens das periferias. **Educ. Soc.**, Campinas, v.44, 2023.

DATASENADO. **Impactos da pandemia na educação no Brasil**. 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasetenado/materias/pesquisas/impactos-da-pandemia-na-educacao-no-brasil>. Acesso em: 01 out. 2024.

FALCÃO, N.M. “É pesado, mas vou levando”: jovens de Manaus entre a escola e o trabalho. 2014. 210 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense. Niterói, Rio de Janeiro, 2014.

FERREIRA, E.C. A poética das contingências: o indivíduo, a escola e as pruebas. **Trilhas Pedagógicas**. V. 5, nº 5, ago. 2015, p.24-40.

GÓES, M.C.R. A formação do indivíduo nas relações sociais: contribuições teóricas de Lev Vigotski e Pierre Janet. **Educação & Sociedade**, ano XXI, nº71, julho, 2000.

MARTUCCELLI, Danilo. **Cambio de rumbo: la sociedad a escala del individuo**. Santiago: LOM, 2007.

MIGUEL, R.R.; RIJO, D.; LIMA, L.N. Fatores de risco para o insucesso escolar: a relevância das variáveis psicológicas e comportamentais do aluno. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, ano 46-1, p. 127-143. 2012.

MUYLAERT, C.J.; JÚNIOR, V.S.; GALLO, P.R.; ROLIM NETO, M.L.; REIS, A.O.A. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista Escola de Enfermagem USP**, nº 48, 2014.

PINELLI, N. **OMS decreta o fim da emergência de saúde global causada pela Covid-19**. Instituto Butantan. Governo do Estado de São Paulo. 2023. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/oms-decreta-o-fim-da-emergencia-de-saude-global-causada-pela-covid-19>. Acesso em: 22 nov. 2023

PEREIRA, M. **O lugar da criação artística entre jovens de camadas populares: sentidos e suportes da arte a estudantes da rede estadual fluminense**. 2022. Disponível em: <https://doity.com.br/anais/viseminariodiscenteuff/trabalho/217483>. Acesso em: 01 out. 2024.

PINHEIRO, L. Juventudes práticas culturais e trabalho: reflexões sobre suportes e diferenciação laboral nas periferias. **8ª Conferência Latinoamericana y Caribeña de Ciencias Sociales**. Buenos Aires. 19 al 23 de noviembre de 2018.

PORVIR.ORG. **Apoio da família impulsiona jovem a seguir seu projeto de vida no ensino médio**. 2016. Disponível em: Apoio da família impulsiona jovem a seguir seu projeto de vida no ensino médio – PORVIR. Acesso em: 01 out. 2024.

PRATTA, E.M.M.; SANTOS, M.A. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. Dossiê: Psicologia e Adolescência. **Psicologia em Estudo**. v. 12, nº 2. Ago. 2007;

REIS, J.B.; DAYRELL, J.T. Uma jovem mulher negra favelada: singularidade compartilhada em narrativas biográficas. **Debates em Educação**. Vol. 10, nº20. 2018.

SANGALLI, L.C.; RINALDI, D. Pesquisa social interpretativa alemã: os métodos de entrevista narrativa biográfica e de reconstrução biográfica de caso. **Revista Em Tese**. PPGSP Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. v. 15, n.2, jul. 2018.

SILVA FILHO, R.B; ARAÚJO, R.M.L. Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências. **Educação por Escrito**. Porto Alegre, v.8, n.1, p.35-48. jan.-jun.2017.

SIMÕES, W.; ANDREIS, A.M. Anositece na cidade: dilemas e desafios do ensino médio noturno em tempos de reforma. **Revista Contexto & Educação**. Editora Unijuí. ano 34. nº 109. set./dez. 2019.

SOUZA, L.S.P. **O ensino médio regular noturno em Manaus: indicadores do rendimento escolar**. Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação (CAEd). Programa de Pós-Graduação em Gestão e Avaliação da Educação Pública. 2016.

SPOSITO, M.P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena W.; (ORGS), Pedro P. M. B. **Retratos da Juventude Brasileira**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 37-72.

Dados de autoria

Ellen Belmonte Barros

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas (PPGE/UFAM). Orcid <https://orcid.org/0000-0003-2500-1846>. E-mail: ellen.belmonte@seduc.net

Nádia Maciel Falcão

Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: nadia.falcao@ufam.edu.br. Orcid-<https://orcid.org/0000-0002-3196-0341>.